

MANIFESTO POÉTICO “SÓ A ANTROPOFAGIA NOS UNE”

Por Priscila Gontijo¹

A 37ª edição do Festivale trouxe ao espaço externo do Centro de Estudos Teatrais, na noite de sábado, 02 de Setembro de 2023, o espetáculo de rua *Manifesto Poético “Só a antropofagia nos une”* do Grupo de Teatro Tropa do Vale. Com dramaturgia e direção criadas de forma colaborativa, o grupo propõe a inclusão de quatro artistas convidados no decorrer do processo. O elenco conta com Bete Bino, Claudio Luiz, Edson Cavalcante, Meire Pedroso, Priscila Leite e Rosana Rosa, além do músico convidado Marcio de Oliveira. Os adereços e bonecos são de Claudio Luiz e Vivian Rau.

A despeito da sinopse descrever o espetáculo como “um manifesto poético interativo em homenagem a José Celso Martinez Corrêa, com cruzamento de fragmentos do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade e o poeta da periferia Sérgio Vaz”, o que se viu na noite de sábado, primordialmente, foi um evento em homenagem à Eva Sielawa, atriz, cantora e arte educadora de São José dos Campos, que morreu em abril deste ano.

A homenagem à artista causou forte comoção no público, composto, em sua maioria, de artistas e personalidades da cidade, que a conheciam e a admiravam. Por conta dos poucos recursos dramáticos e técnicos, pode-se dizer que a apresentação do grupo joseense se aproximou mais de uma intervenção

¹ Escritora, dramaturga, pesquisadora e professora. Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC/SP, doutoranda em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) FFLCH/USP. Licenciada em Língua Francesa e Língua Portuguesa. Participou do grupo Macunaíma coordenado por Antunes Filhos, da Cia Os Privilegiados de Antônio Abujamra, é cofundadora da Companhia da Mentira. Atuou como artista orientadora do Programa Vocacional. Atualmente é professora de dramaturgia e roteiro no curso de pós-graduação Formação do escritor, no Instituto Vera Cruz-SP.

cênica ou de um rito poético do que a de um espetáculo teatral propriamente. Considerando que o teatro de rua, com seus números ligados à tradição da comédia popular ou do circo, no Brasil dialogue com manifestações culturais populares, no que tange seu grau de experimentação e improviso, pode alcançar dimensão estética elevada, a depender do empenho na dramaturgia e nas escolhas cênicas. As manifestações populares não prescindem de rigor, apenas apresentam em cena uma roupagem menos formal.

O *Manifesto Poético “Só a antropofagia nos une”* se inicia com um cortejo musical até abrir uma grande roda, com os integrantes do grupo falando fragmentos do manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade. Segue-se a dinâmica do cesto, que passa de mão em mão, entre artistas da peça, convidados e pessoas do público. Ao parar na mão de alguém, o escolhido vai até ao centro da roda para sortear e ler em voz alta um fragmento do manifesto Antropofágico de Sergio Vaz, poeta brasileiro e produtor cultural, que promoveu em 2007 a Semana de Arte Moderna da Periferia, inspirada na semana de arte moderna de 1922. No dia 02 de setembro, alguns dos artistas convidados também cantaram músicas e declamaram poemas, textos e cartas em memória de Eva Sielawa.

Emocionados com a partida precoce da amiga e artista, restou pouco espaço para a figura de José Celso Martinez Correa. Zé Celso, um dos maiores encenadores do teatro brasileiro, morto no dia 06 de Julho de 2023 e encarnado num boneco muito bem feito, foi o homenageado menos lembrado da noite.

Ao inserir na roda sua figura dionisíaca, o exu do teatro brasileiro, ainda que feito de pano, se assume alguns riscos. Se o diretor paulista criou uma das trajetórias mais originais no teatro e incendiou a cena moderna e contemporânea com uma dramaturgia ousada e inovadora, deve-se tanto ao seu talento como diretor de atores – Zé Celso trabalhou com Eugênio Kusnet, conhecedor profundo do Método Stanislavski – quanto à sua dedicação na direção dos espetáculos.

Embora a proposta fosse a de um manifesto poético, a intervenção cênica, elaborada para as ruas, antecipou algumas promessas ao elencar nomes fundamentais da cultura nacional. A tríade, composta por José Celso, Sérgio Vaz

e Oswald de Andrade, previa uma dramaturgia bem estruturada. Faltou alinhar os textos e as memórias dos homenageados em uma estrutura dramática mais sólida, o que endossaria a importância de suas trajetórias. Ainda que a promessa não se cumpra, vale ressaltar que tanto o boneco de Zé Celso quanto a máscara e figurino dos atores impressionaram pela beleza. Do mesmo modo, as músicas agradaram aos ouvidos e divertiram o público.

O grupo de teatro Tropa do Vale iniciou seu percurso no ano 2000, com a encenação de “Outras Quinhentas Histórias”. Em 2002, o grupo contou a história do Rio Paraíba do Sul no espetáculo *Eh! Paraí Paraíba*, como um manifesto poético em defesa do rio e da diversidade humana que o habita. Além dessas montagens, a trupe tem um repertório de esquetes temáticas que mostram a preocupação social e política dos integrantes do Tropa do Vale, sem se distanciar do lúdico e do imaginário.

Se o teatro de rua se baseia em certas técnicas – como a amplificação da atuação com uso de máscaras, bonecos e adereços gigantes e grande participação da música – o Tropa do Vale consegue executar tais procedimentos com habilidade e alegria. E como o teatro também é o espaço dos afetos, do rito, da festa e da brincadeira, o grupo se sai bem e emociona. Aqui fica a minha saudação e respeito ao grupo joseense e à sua trajetória de impacto e representatividade na cidade.